

COLONIZAÇÃO ESQUECIDA: A HISTÓRIA PERDIDA DOS LETOS EM MORRO DA FUMAÇA-SC

Maicon Marques Frasson

Através de uma pesquisa histórica em livros, jornais, dissertações, atas religiosas e cartas, verificou-se a existência de um grupo de imigrantes que primeiro ocupou o que atualmente é o território do município de Morro da Fumaça-SC. No entanto, sua história foi ignorada e subtraída da história oficial da cidade por anos. Esse grupo de imigrantes, que teria vindo da atual Letônia, migrou novamente após alguns anos, deixando poucas pistas acerca de seu destino. Encontrados dois possíveis sítios arqueológicos, essa pesquisa vem a buscar os meios pelos quais levaram o grupo a vir para o Brasil, bem como os motivos que os levaram a migrar novamente, assim como os possíveis destinos desse grupo e sua singular história.

Palavras-chave: Letos, Morro da Fumaça-SC, Colonização.

1 Introdução

Quase perdida e esquecida ficou a história, de um grupo de, aproximadamente, cem famílias que, com exceção dos nativos carijós, primeiro ocuparam e colonizaram o território do município de Morro da Fumaça, em Santa Catarina. (BIFF, 1993, p. 37)

Pouco se sabe ao certo desse grupo de quase mil pessoas, da sua origem, para onde foram, quando chegaram ou quando partiram, sequer por que vieram, ou por que se foram em tão pouco tempo, vendendo suas terras já prontas e produtivas.

Graças a uma pesquisa recente (LINK, 2014), e a presteza de seu autor, novas informações vieram à tona, possibilitando novas análises históricas conjunturais de seu passado.

Quanto à cultura material que havia restado desse grupo, pensava-se limitar-se a pouco mais que a área de dois cemitérios, onde ficavam suas duas igrejas. Descobriu-se então que, ao todo, não eram duas igrejas, mas pelo menos quatro, distribuídas em três diferentes cidades atuais. Uma em *Linha Torrens*, Morro da Fumaça; outra na atual Rua dos Corais, no centro de Morro da Fumaça; a terceira na comunidade de *Rio Mãe Luzia*, na cidade de Criciúma; uma quarta na comunidade de *Rio Novo*, em Orleans.

Ao comemorar o centenário de colonização em 2010, a história destes primeiros imigrantes acabou por ser negada, apagada e esquecida do seu espaço de direito na história do município de Morro da Fumaça. Há de se resgatar esta história e questionar o porquê de uma comunidade inteira, de aproximadamente mil pessoas, desaparecer e sua passagem ser excluída da história oficial do município.

2 A ocupação e colonização de Morro da Fumaça-SC

De acordo com a história oficial, o marco de colonização de Morro da Fumaça, teria acontecido com a chegada de José Cechinel e sua família, em 1910. (MACCARI, 2005, P. 12) No entanto, o movimento de ocupação deste município é um tanto complexo. Isso porque se deu em períodos diferentes, e por grupos diferentes.

Inicialmente, havia um grupo de famílias, originárias principalmente da atual Letônia, em sua maioria adventistas convertidas, que primeiro se estabeleceram onde veio a ser o atual território do município. Estes letos, por sua vez, acabaram por vender suas terras já produtivas e partiram depois de alguns anos de sua chegada. Em entrevista realizada por Biff (1993, p. 19), Santos Zaccaron, referindo-se ao pai de Teodoro Maccari, assim narrou sobre a transferência das terras:

Quando o pai dele comprou as terras onde é a loja da Honorata¹, chegando em casa, em Urussanga, disse para a mulher Rosina e para os filhos: “Comprei um terreno na linha Torrens”. Linha Torrens vinha de Cocal [do Sul] até Esplanada, Santa Apolônia e Vargedó.

É necessário compreender que até por volta dos anos 1930 a região recebia apenas a denominação das “linhas” da companhia que fizera o levantamento Topográfico, sendo a “Linha Torrens” e “Linha Antas”.

Pouco se sabe sobre essa comunidade. As publicações existentes sobre o tema apoiavam-se sobre uma única referência bibliográfica, um livro de entrevistas do fim dos anos de 1980, reunidas pelo padre Claudino Biff em um único volume, publicado em 1993. Em sua obra, ao tentar explicar a origem desse grupo, Biff discorre:

“Uma princesa alemã se casa com um príncipe russo. Ele ortodoxo, ela adventista. Ele era amigo do Czar. Era príncipe na Bielo-Rússia. Um casamento feliz! Ele permitiu a imigração de milhares de alemães, todos adventistas. (...) Quando morre a princesa alemã, os adventistas alemães ficam a mercê da xenofobia do Patriarca de Moscou e da ferocidade dos Cossacos do Don. Esses Cossacos adoravam dizimar polacos e adventistas a fio de sabre. Para salvar seus pescos, os polacos e adventistas deram em Morro da Fumaça...” (BIFF, 1993, p. 08)

Tomando os dados acima como ponto de partida, o czar e a princesa alemã, seriam Alexandre II e Maria Alexandrovna. Ele russo, filho do Czar Nicolau I, de religião ortodoxa. Ela alemã, protestante até pouco antes de seu casamento em 1841. Importante destacar que, naquele período, os territórios da atual Polônia, Bielo-Rússia, Letônia, Ucrânia, entre outros, faziam parte, principalmente, da Alemanha e Rússia (PIAZZA; HÜBNER, 1983, p. 81), mas suas identidades culturais ainda permaneciam distintas, neste caso se dava principalmente pela religião batista.

Durante a segunda metade do século XIX, a colonização do norte da Rússia estava sendo incentivada. Com a união de Alexandre II e Maria Alexandrovna, agricultores letos, que eram de maioria das igrejas batista e protestante, e que haviam deixado o campo para trabalhar em fábricas, viram a oportunidade de adquirir alguma terra e retornar ao meio agrícola, assim, imigrando para a região de Novgorod, próximo a nascente do rio Voga, na Rússia.

Como dito, naquele momento a Letônia não existia como estado independente e seu território era parte da Alemanha. Dessa forma, por terem imigrado para a Rússia, região do rio Voga, e lá se estabelecido por algum tempo, há grande confusão quanto à definição da origem desse grupo. Os mais velhos seriam alemães, por terem nascido no território alemão, mas culturalmente eram letos. Os mais jovens já haviam nascido na Rússia, mas culturalmente ainda tinham grandes influências de suas raízes letas, da Alemanha, daí a expressão *alemães do rio Voga*.

Essas colônias agrícolas na Rússia, logo começaram a apresentar grandes dificuldades, devido à precariedade em que se encontravam e ao conflito religioso com os russos ortodoxos. Nesse momento o Brasil surge como uma possibilidade interessante. Segundo Purim:

“Não encontramos registros de que algum leto tivesse estado ou residido no Brasil, ou escrito alguma coisa sobre esta terra, anterior ao testemunho do pastor J. Balod e de Pedro Zalit. As primeiras referências, como já dissemos, ocorreram no Baltijas Vestnesis, de hábil autoria dos dois citados personagens, que lançavam aos lavradores a idéia de fundarem colônias agrícolas em condições melhores do que as estabelecidas em Novogorod, Simbrisca, Ufa e na Sibéria – todas na Rússia. As agruras desses agricultores J. Balodis conhecia, tendo sido pastor luterano durante muito tempo na longínqua Sibéria.” (PURIM, sd)

Com a propaganda das colônias brasileiras de Pedro Zalit e do pastor J. Balod e com promessas de condições melhores que as russas, grupos de Riga, atual capital da Letônia, partiram para o Brasil. Esses grupos, que começaram a chegar a partir de 1890 em Rio Novo, atual cidade de Orleans-SC, eram, em grande parte, de trabalhadores rurais que, por falta de condições, trabalhavam nas empresas de cimento ou na indústria da madeira da cidade de Riga, antes de partirem para o Brasil. (PURIM, sd)

Seguindo o grupo de Riga, contingentes de europeus da Rússia começam a vir para o Brasil, fugindo das instabilidades, do regime de servidão a que estavam submetidos, da falta constante de alimentos, influenciados pela grande propaganda de imigração para a América e pela promessa (mito) de riquezas no novo continente. (PIAZZA; HÜBNER, 1983, p. 81)

O primeiro grupo de imigrantes de Riga, que chegou em 1890 em Rio Novo, atual Orleans-SC, era pouco numeroso. Em 1891, chegaram a Rio Novo mais de 30 famílias do grupo de letos, vindos da Rússia. Nesse ritmo logo começaram a faltar lotes demarcados de terras férteis para assentar as famílias em Rio Novo, na então colônia de Grão-Pará, assim foram colocadas em uma nova área próxima à Rio Novo. (PURIM, sd) Com o grande volume imigratório, esta nova área logo foi preenchida.

Na colônia de *Accioli de Vasconcellos*, as *Linha Torrens 1 e 2, Linha Batista e Linha Antas* já haviam sido demarcadas, e os lotes que ainda permaneciam vazios foram vendidos. João Zarin foi designado como agrimensor para demarcar novas terras devolutas para instalar esses imigrantes, às margens das colônias existentes, como em *Rio Mãe Luzia*, onde foram instaladas novas levas.

Seguindo o exemplo de Rio Novo, onde primeiro se instalaram, assim que

a comunidade se estabelecia, construía um templo religioso, que também servia de local de reunião da comunidade e escola. Comunidade essa que por vezes mal passava de uma dúzia de pessoas.

Em 1900, três pastores adventistas, entre eles Ernest Julius Theodor Schwantes e Huldreich F. Graf, passam pelas colônias letas e conseguem número considerável de conversões, principalmente entre os batistas. (SANTANA, 2003, p. 82; PURIM, sd)

Esse grupo de adventistas letos estavam organizados com 4 igrejas, sendo *Rio Novo*, *Rio Mãe Luzia*, *Linha Torrens* e *Linha Antas*². Até o momento, não foram encontrados registros de que alguma dessas igrejas fosse adventista antes de 1900, ou que imigrantes letos houvessem chegado ao Brasil já sendo adventistas.

A Revista alemã *Rundschau der Adventisten*, de dezembro de 1907, p. 8 – traz um relatório de membros de cada igreja adventista que havia em Santa Catarina e Paraná na época. Esse relatório mostra o número de famílias e o valor arrecadado de dízimo no trimestre em cada igreja, conforme a seguir:

Imagem 1 - Número de famílias e respectivos valores de dízimo recebidos nas comunidades adventistas de SC e PR no terceiro trimestre de 1907.

Ort	Gliedert zähl	Zehnten	Gabell- stuhl- gaben	1. Tagess- gaben	Mittwoch- gaben
Benedicto Novo	44	161.540	15.880	1. —	—
Bom Retiro	31	71.700	—	—	7.300
Brusque	82	551.540	31.580	9.860	—
Curityba	40	—	—	—	—
Enxovia	9	—	—	—	—
Hansa	10	—	—	—	—
Itararé	35	—	—	—	—
Ivahy	13	—	—	—	—
Joinville	38	—	—	—	—
Linha Antas	31	70.100	7.750	2.220	—
Linha Torres	51	165.060	9.920	4. —	—
Mai Luzia	21	50.500	—	1.500	—
Massaranduba	10	20. —	—	—	—
Ponta Grossa	5	—	—	—	—
Porto da União	24	—	—	—	—
Rio Cunha	27	123.500	8.440	1.100	—
Ribeirão Grande	22	—	—	—	—
Rio Negro	11	—	—	—	—
Rio Novo	26	—	—	—	—
São Bento	10	—	—	—	—
Timbó	16	126.120	—	—	—
Diverse		22. —	7.800	—	—
Total:	556	1.361.060	81.370	19.680	7.300
Außerdem gingen noch ein von Luis Alves Gebetswoche- gaben 2\$700.					
Sekretär Mr. F. T. S.					

Fonte: Revista *Rundschau der Adventisten*, Dezembro de 1907, p. 8.

Linha Torrens tinha o segundo maior contingente de fiéis dos dois estados, ficando atrás apenas de *Brusque*, região onde havia sido edificada a primeira Igreja Adventista do Brasil, na localidade de *Gaspar Alto* em 1896. Caso fossem somados o número de famílias adventistas de *Linha Torrens* e *Linha Antas*, chegaria a 82 famílias, o mesmo que havia em *Brusque* naquele período. Isso já denota a relevância e o tamanho daquela comunidade para a época.

O último registro de reunião nessas igrejas é de 23 – 28 de março de 1909, em *Linha Torrens*. (LINK, 2014, p. 252) Diferentemente de *Rio Novo* e *Rio Mãe Luzia*, as igrejas de *Linha Torrens* e *Linha Antas*, no atual território de *Morro da Fumaça-SC*, juntamente com seus cemitérios, foram vendidas, principalmente para os italianos dos núcleos coloniais próximos e partiram.

Com sua partida, sua história, no que viria a ser o município de *Morro da Fumaça-SC*, ficou esquecida. Comemorando o centenário de colonização do município em 2010, o passado desse grupo de imigrantes acabou por ser excluído, negando-lhe o justo título de primeiros colonizadores.

Para resgatar tão relevante fração do passado histórico, uma pesquisa profunda, em todos os meios possíveis, é necessária. Sendo de conhecimento de alguns as prováveis localizações de ambos os cemitérios, e a antiga localização das igrejas, uma pesquisa arqueológica poderia trazer a luz importantíssimas descobertas sobre seus costumes, origens e destino(s), incluindo os motivos reais pelo qual se foram.

4 Considerações finais

Esta pesquisa, embora traga à luz muitas informações que ainda não faziam parte da história oficial de *Morro da Fumaça*, deixa grandes questionamentos, possibilitando outra pesquisa, de maior fôlego, que venha a mostrar informações inéditas à sociedade fumacense.

Sobre o grupo de imigrantes, realmente houve semelhante movimento migratório, no mesmo período, em outras colônias. Muitos destinos se tornaram interessantes, o que levou a migrações temporárias ou definitivas. A Argentina estava entre os destinos mais procurados pelos imigrantes que buscavam conseguir

dinheiro rápido, como bem explana Biff (1993).

O mesmo autor traz alguns sobrenomes de famílias letas adventistas que haveriam residido na região onde hoje é Morro da Fumaça, e nela há a menção da família *Reske*, que teria sido uma das últimas famílias a vender suas terras aos italianos e partir. (BIFF, 1993, p. 29)

Como os italianos, que estavam comprando as terras, e os letos, que estavam vendendo, conviveram por algum tempo no mesmo espaço geográfico objeto dessa pesquisa, ainda também pelo registro religioso da passagem do pastor adventista Waldemar Ehlers em 1909 (LINK, 2014), estima-se que essa transição tenha ocorrido, em maior parte, entre os anos de 1905 e 1915.

Dessa forma, talvez a chegada da família *Rescke* na província de *Misiones*, na Argentina, seja o elo perdido entre os colonizadores de Morro da Fumaça e a história de seu destino, uma vez que a grafia *Reske* surgiu de uma entrevista que ocorreu aproximadamente 70 anos após a migração da família, no já citado livro de entrevistas de Cláudio Biff. *Reske* poderia na verdade ser *Rescke*, a mesma que migrou para a Argentina. Junto com a família *Rescke*, também chegara à Argentina as famílias Otto e Marosek, todos adventistas vindos do Brasil em 1906 e fundaram uma escola adventista em 1923, que mais tarde se tornou o Instituto Superior Adventista de *Misiones*, existente até os dias atuais. (INSTITUTO..., sd)

Biff (1993) também aponta, como possível destino migratório, a atual cidade de Forquilhinha-SC, no entanto, isso deve ter se dado pela proximidade da cidade com o bairro Mãe Luzia que, como visto, já possuía uma comunidade inteira de adventistas/batistas com fluxo constante entre as outras três citadas comunidades, mas que se situa dentro da margem limítrofe da atual cidade de Criciúma-SC.

Outros destinos possíveis também são apontados. Tantos são os supostos destinos e tão gradativa foi a partida que se faz impossível não pensar na dissolução do grupo e absorção de seus membros por outros existentes.

Talvez, o símbolo maior e mais irônico da subjugação cultural desse grupo tenha sido o próprio destino das igrejas de *Linha Torrens* e de *Linha Antas*. A primeira sendo convertida em igreja católica pelos novos proprietários das terras e a segunda transformada em fábrica de banha, uma vez que os porcos são

considerados animais imundos pelos adventistas e batistas e seu consumo proibido.

REFERÊNCIAS

BIFF, Claudino. Morro da Fumaça e sua divina e humana comédia. Tubarão-SC: Coan Industria Gráfica, 1993. 100 p.

INSTITUTO SUPERIOR ADVENTISTA DE MISIONES. Educación Adventista, sd. Trayectoria. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20151118030936/http://www.educacionadventista.org.ar/isam/Institucional/Trayectoria.aspx>>. Acesso em: 07/09/2020.

LINK, E. Die Anfänge der Freikirche der Siebenten-Tags-Adventisten in Brasilien unter besonderer Berücksichtigung ihrer deutschen Wurzeln (1890-1914/15). Theologische Hochschule Friedensau. Friedensau. 2014.

MACCARI, Idê Maria Salvan. Morro da Fumaça - Passado e Presente. Morro da Fumaça: da autora, 2005. 58 p.

PIAZZA, Walter. F.; HÜBENER, Laura. Machado. Santa Catarina: história da gente. 19. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1983. 152 p.

PURIM, Viganth Arvido. Colônia Ieta do Rio Novo. Disponível em: <<https://rionovo.wordpress.com/>>. Acesso em: 10 Out. 2018.

SANTANA, Emanuela dos Santos Borges. História dos primórdios da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Criciúma. Tempos Acadêmicos, Criciúma, 2003. 79-87. Disponível em: <<http://www.unesc.net/portal/resources/files/54/historia1.pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2018.

Rundschau der Adventisten, Alemanha, p. 8, Dez. de 1907.

¹ A Loja Honorata ficava na atual Rua 20 de Maio, no que hoje é o centro de Morro da Fumaça.

² Embora que a atual localidade que leva o nome de Linha Antas fique relativamente distante do centro de Morro da Fumaça, pertencendo inclusive à cidade de Criciúma, a igreja e o cemitério da comunidade adventista de Linha Antas, do início de 1900, estavam situados na atual Rua dos Corais, na mesma colina que dá o nome à cidade.